

Entre fontes historiográficas e arquivos digitais: memórias dos cotidianos escolares de Rondônia no Facebook

Between historiographic sources and digital archives: memories of the school's daily lives in Rondônia on Facebook

Robson Fonseca Simões¹

Resumo: Como dispositivo de uso social, as postagens nas redes sociais da *web* também mantêm acesas as memórias e as histórias vividas nas escolas. Numa tentativa de diálogo com a pesquisa de Pós-doutorado apresentada no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Estadual do Rio de Janeiro, este trabalho procura problematizar os *posts* dos territórios da internet, mais especificamente nas Páginas dos Colégios rondonienses no *Facebook*: Barão de Solimões, Carmela Dutra, Dom Bosco e Duque de Caxias, considerados fontes para a historiografia da Educação. A escolha desse objeto de estudo justifica-se por se tratar de uma documentação no ambiente virtual que não pode ser mais desconsiderada pelos pesquisadores. As narrações dos usuários nos ambientes digitais estabelecem uma relação com a História, uma vez que retomam a memória pessoal e coletiva, propondo novos olhares sobre o passado. O que circula sobre as instituições do norte no *Facebook*? De história em história, compõe-se o passado dos ex-alunos e, por entre as memórias, o despojamento das práticas escolares. Quais são os assuntos mais compartilhados nessa rede social da internet? O instinto narrativo encontra na rede social o palco ideal com sequências das ações que trazem à baila as histórias dos educandários. O que pode ser entendido como sensibilidade digital? Com os usos e as práticas culturais, as postagens são fontes que refletem as emoções, os sentimentos, as histórias, descrevendo nas entrelinhas midiáticas outras experiências escolares vividas. Rodriguez de La Flor; Escandell Montiel (2014), Eiroa San Francisco (2018), Pons Pons (2018) e Sordi (2019) ajudam a refletir que as novas tecnologias abrem caminhos por apresentarem outras versões sobre as histórias de vida dos sujeitos. Nessa acepção, esse trabalho procurou contribuir para os estudos sobre a História da Educação em Rondônia.

Palavras-chave: Internet; Páginas do *Facebook*; Memórias Escolares; História da Educação.

Abstract: As a device for social use, postings on social networks on the web also keep memories and stories lived in schools on. In an attempt to dialogue with the Postdoctoral research presented in the Postgraduate Program in Education of the State University of Rio de Janeiro, this work seeks to problematize the posts of the internet territories, more specifically in the Pages of the Colonial Schools on Facebook: Barão de Solimões, Carmela Dutra, Dom Bosco, and Duque de Caxias, considered sources for the historiography of Education. The choice of this object of study is justified because it is documentation in the virtual environment that can no longer be ignored by researchers. The narrations of users in digital environments establish a relationship with history, since they return to personal and collective memory, proposing new perspectives on the past. What circulates about northern institutions on Facebook? From history to history, the past of past students is composed and, among the memories, the stripping of school practices. What are the most shared subjects on this social network on the internet? The narrative instinct finds in the social network the ideal stage with sequences of actions that bring up the stories of the students. What can be understood as digital sensitivity? With cultural uses and practices, posts are sources that reflect emotions, feelings, stories, describing other school experiences between the media. Rodriguez de La Flor; Escandell Montiel (2014), Eiroa San Francisco (2018), Pons Pons (2018), and Sordi (2019) help to reflect that new technologies pave the

¹ Professor do Núcleo de Ciências Humanas, Departamento de Ciências da Educação da Universidade Federal de Rondônia/UNIR, campus Porto Velho. Docente permanente do Programa de Pós-Graduação em Educação Escolar (PPGEE), Mestrado e Doutorado Profissional. E-mail: robson.simoies@unir.br.

way by presenting other versions of the subjects' life stories. In this sense, this work sought to contribute to studies on the History of Education in Rondônia.

Keywords: Internet; Facebook Pages; School Memories; History of Education.

Passado escolar rondoniense nas redes sociais: uma introdução

*Você sabia que o Barão, como é conhecido popularmente, é a escola mais antiga de Rondônia?*²

*Estudante e professor recebem prêmios por aplicativo inovador*³

*Eu amo esta escola; estudei aí em 1997*⁴

*Saudades do padre Filinto, Alberto e João Carlos... Saudades dos velhos amigo. Abração pessoal*⁵

As postagens na internet, mais especificamente nas Páginas das escolas da região norte brasileira no *Facebook*, mantêm acesas as memórias escolares com as histórias das instituições de ensino de Porto Velho. Citadas na epígrafe desse artigo, podem oferecer pistas do passado e das representações de uma época, remetendo, portanto, à História da Educação no estado de Rondônia. Os depoimentos, publicados nos mais diversos *posts*, procuram destacar as experiências dos usuários, permitindo ao pesquisador encontrar descrições variadas sobre a vida cotidiana escolar; como dispositivo de uso social, a escrita digital também pode salvar do esquecimento ao fixar nas redes sociais virtuais vestígios do tempo passado.

As memórias dos sujeitos montam um painel histórico-social, o que possibilita se aproximar da voz de Roberto Juarros: “Buscar uma coisa é sempre encontrar outra [...]”; como numa evocação inicial para este artigo, a inspiração do poeta argentino ajuda a refletir que as surpresas podem ser encontradas no suporte digital, que se mantém aberto às histórias das vidas escolares dos ex-alunos e à memória institucional.

Com poucos estudos nessa temática, este trabalho⁶ se volta para as escolas da cidade de Porto Velho, no estado de Rondônia, região norte brasileira, onde atualmente mora e trabalha o docente e pesquisador. As postagens nas Páginas do Colégio Barão de Solimões, Carmela Dutra, Dom Bosco e Duque de Caxias de Porto Velho no *Facebook* ensejam tentativas de se analisarem os usos e as práticas culturais de um tempo da *web*, descrevendo nas entrelinhas midiáticas outras histórias que também perpassam a vida escolar. Pons Pons (2018) sugere que qualquer perspectiva histórica é moldada pelo modo como os registros são produzidos e pelas formas em que este conhecimento é transmitido e armazenado.

2 Postagem retirada da Página do colégio Barão de Solimões de Porto Velho no *Facebook*, postada pelo usuário J.L. no dia 06/05/2015.

3 Postagem retirada da Página do colégio estadual Carmela Dutra de Porto Velho no *Facebook*, postada pelo usuário F.G. no dia 23/10/2015.

4 Postagem retirada da Página da escola Duque de Caxias de Porto Velho no *Facebook*, postada pelo usuário F.G. no dia 23/10/2015.

5 Postagem retirada da Página do colégio Dom Bosco, Porto Velho/RO no *Facebook*, postada pela usuária J.R. no dia 21/07/2011.

6 Trata-se de uma incursão na pesquisa de Pós-doutoramento (2018) intitulada “Mergulhos nas escritas do norte: memórias e histórias escolares na rede social do *Facebook*”, desenvolvida no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (ProPEd/UERJ), sob a supervisão da Professora Titular Dra. Ana Chrystina Venancio Mignot, que contou com o apoio do Programa Nacional de Pós-Doutorado da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (PNPD/CAPES).

Os desafios e os caminhos⁷ desse estudo procuraram problematizar as postagens memorialísticas no transmidiático *Facebook* (SORDI, 2019) da *web*, observando que essa prática migrou para outras redes sociais digitais. É possível se aproximar também das pesquisas de Eiroa San Francisco (2018) dedicados às fontes historiográficas da cultura digital, tanto para a memória histórica, quanto para os historiadores, corroborando e ampliando as reflexões de Simões (2018):

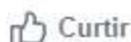
Mas quem disse que isso é o fim? Se a efemeridade habita os suportes virtuais, certamente, amanhã outras redes sociais estarão franqueadas à visita dos pesquisadores que desejarem examinar outras histórias de um tempo escolar. (SIMÕES, 2018, p. 289)

As novas formas de fontes historiográficas têm gerado inquietação na comunidade acadêmica, levantando alguns desafios à pesquisa: qual é a posição do historiador quanto aos conteúdos de caráter virtual? Que tipo de relação essas fontes historiográficas têm com os grupos em que foram constituídas? As escritas digitais descrevem nas entrelinhas outras histórias que perpassam a vida escolar, e podem servir para outros olhares de investigação. Conhecer sobre as histórias dessas escolas pode ser um caminho para tentar compreender os sentidos atribuídos às experiências manifestadas através dos relatos dos discentes, guardadas as singularidades de cada uma das expressões postadas pelos usuários nessas redes sociais virtuais.

Os sujeitos recorrem às atuações individuais nas suas histórias escolares, como num “refúgio do eu” (MIGNOT, BASTOS, CUNHA, 2000), utilizando as páginas do *Facebook* para compartilhar as suas opiniões, sentimentos, como se pode examinar na postagem a seguir do usuário⁸ G.A. na Página do Colégio Dom Bosco no *Facebook*.

Figura 1. Adaptação da Página do Colégio Dom Bosco de Porto Velho/RO no Facebook

foi muito pouco o tempo que passei lá, porém importante: foram os meus primeiros meses no Brasil (final de 1986) e lá comecei estudar português com Dom joao batista Costa como professor... o Pe. Alberto diretor... Hoje, desde Espanha... com muitas saudades; lembro de algumas pessoas... mas nao vou dizer os nomes pra nao esquecer do resto... Um beijao pra todos.



Fonte: <<https://www.facebook.com/DomBoscoRo>> Acesso em 10/10/ 2018

7 O interesse do pesquisador para as Páginas dos Colégios Barão de Solimões, Carmela Dutra, Dom Bosco e Duque de Caxias de Porto Velho no *Facebook* foi despertado uma vez que se perceberam nessas redes sociais virtuais arquivos, relatos, imagens, fotografias, histórias escolares postadas pelos sujeitos reverenciando o passado escolar. Como os estudos dos historiadores e memorialistas da História da Educação em Rondônia sinalizam que os colégios estaduais Duque de Caxias, Carmela Dutra e Barão de Solimões, assim como a instituição de ensino da iniciativa privada Dom Bosco, constituem o quadro de educandários mais antigos na cidade de Porto Velho; nessa acepção, optei pela aproximação às redes sociais daquelas escolas. No que diz respeito à construção do objeto de pesquisa, a primeira etapa do trabalho foi a de constituir um corpus documental, no período de junho de 2018 a março de 2019, acompanhando e gravando arquivos, observando os *posts* memorialísticos dos sujeitos relacionados às suas histórias nos educandários. Nessa operação historiográfica inspirada nos estudos de Eiroa San Francisco (2018), procurei entrecruzar fatos e tempos, na tentativa de analisar os diferentes sentidos dos testemunhos dos tempos escolares nessa rede social virtual.

8 Por opção metodológica, optou-se em registrar nesse artigo os nomes dos usuários com as suas respectivas iniciais das Páginas das escolas de Porto Velho no *Facebook*. Os horizontes de confiabilidades nas redes sociais são uma temática refletida por Simões (2018), ampliando-se, portanto, o número de arquivos que relatam as histórias escolares nas redes sociais.

Entre os fios das memórias dos usuários deixados na Página do Colégio Dom Bosco de Porto Velho no *Facebook*, examinam-se vestígios de emoções de um momento escolar que foi reduzido, porém marcante para o usuário L. M. junto aos estudos da Língua Portuguesa com Dom João Batista Costa, professor da língua materna naquela instituição. Nessa acepção, a *web* desafia a preponderância do trabalho do arquivamento; não implicando na substituição das fontes usualmente empregadas pela historiografia, mas renovando-as e expandindo-as (Galvez Biesca, 2018) com os fatos do passado.

No esforço em se poder entrecruzar informações com outros documentos sobre o Colégio Dom Bosco, as reflexões de Cantanhede (1950) sinalizam que em 1943, os estatutos desse colégio tinham visibilidade; observou-se que a disciplina familiar reinante no estabelecimento, teria sido, durante os seus 10 anos de existência, o maior fator do êxito dos alunos: “O colégio ainda apresenta aos educandos, que querem cursar as aulas ginasiais, comerciais ou secundárias, a vantagem de fácil transferência para o Colégio Dom Bôsko de Manaus[...]”, o que possivelmente ocorreu com o usuário L.M.

A escolha dessas fontes como objetos de estudo justifica-se por se tratar de uma documentação no ambiente virtual que não pode ser mais desconsiderada pelos pesquisadores, ainda que as histórias de um passado escolar também sejam postadas nas redes sociais da *web*, tornando-se, portanto, visíveis, expostas, fazendo parte do “show do eu”. (SIBILIA, 2008)

No que diz respeito à historiografia sobre a Educação brasileira, observam-se muitas e diversificadas pesquisas e estudos, concentrados nas regiões sul e sudeste do país, com um maior número de Programas⁹ de Pós-Graduação em Educação, Financiamentos e Agências de Fomentos e da própria organização dos acervos nas instituições de guarda, de uso habitual nas investigações. Em que pese o número reduzido de programas de Pós-graduação em Educação no norte do Brasil, os pesquisadores têm trabalhado na perspectiva da História da Educação, participando de eventos acadêmicos, o que certamente tem exigido um trabalho com a documentação que fica sob a guarda de arquivos públicos, museus, bibliotecas e instituições de ensino, levando pouco em conta as fontes oriundas das mídias digitais.

No caso do estado de Rondônia, os estudos que utilizam como fonte a mídia digital ou outra fonte habitualmente usada pela historiografia ainda são incipientes¹⁰, mas já se podem observar os investimentos da FAPERO¹¹ para os editais¹² de pesquisas em Educação. Certamente os documentos de que se ocupa a Legislação, currículo escolar, matrículas dos estudantes, e dos demais assuntos que tratam da escolarização, podem ser encontrados tanto na Biblioteca¹³ Municipal de Porto Velho, no Núcleo de Arquivo¹⁴ Oficial de Rondônia, e nas próprias escolas da cidade.

9 Destacam-se o Programa de Pós-Graduação da Universidade Federal do Amazonas (Mestrado e Doutorado Acadêmicos em Educação), o Programa de Pós-Graduação da Universidade Federal do Acre (Mestrado Acadêmico em Educação), o Programa de Pós-Graduação da Universidade Federal de Rondônia (Mestrado Acadêmico em Educação), o Programa de Pós-Graduação da Universidade Federal de Rondônia (Mestrado Profissional em Educação Escolar), o Programa de Pós-Graduação da Universidade Federal do Oeste do Pará (Mestrado Acadêmico em Educação), o Programa de Pós-Graduação da Universidade Federal do Pará (Mestrado e Doutorado Acadêmicos em Educação), o Programa de Pós-Graduação da Universidade Estadual de Roraima (Mestrado Acadêmico em Educação).

10 Recentemente, a CAPES aprovou a oferta do Doutorado Profissional em Educação Escolar junto ao Programa de Pós-Graduação em Educação Escolar (Mestrado Profissional) na Universidade Federal de Rondônia.

11 Fundação de Amparo ao Desenvolvimento das Ações Científicas e Tecnológicas e a Pesquisa do estado de Rondônia.

12 Ver no site <<http://www.rondonia.ro.gov.br/fapero/>>

13 Localizada à R. Dom Pedro II, nº 826, Centro, Porto Velho, Rondônia.

14 Localizado à rua Antonio Lacerda, nº 4228, bairro Industrial, Porto Velho, Rondônia.

Além disso, alguns historiadores (LIMA, 1993; PINTO, 1993; GOMES, 2007; NOGUEIRA, 2008; BORZACOV, 2007), assim como memorialistas (MESQUITA, 1947; VIRIATO MOURA, 2016), já publicaram sobre a História da Educação de Porto Velho, ajudando compreender outras questões da escolarização que também são tratadas em seus textos, tais como: a cultura, a imigração, as amizades nas escolas etc. Estes elementos são fundamentais para o cruzamento de dados que, neste estudo, pretende adentrar pela História dessas instituições a partir das Páginas do Colégio Barão de Solimões, Carmela Dutra, Dom Bosco e Duque de Caxias de Porto Velho, estado de Rondônia, nas redes sociais do *Facebook*.

Por estarem na presença de uma máquina narrativa e retórica (SORDI, 2019), as redes sociais virtuais se propõem a relatar situações, eventos, lugares, objetos e participantes, produzindo representações mentais de outras situações, outros eventos, lugares, objetos e participantes. (FLUDERNICK, 2009)

A escrita digital é hoje parte integrante de uma realidade social que cria, nesses novos ambientes linguísticos, os sistemas, instrumentos, estruturas que auxiliam na interação e no diálogo com o outro porque a história da cultura escrita não pode ser exclusivamente uma história dos sistemas de escrita, mas deve interpretar o conteúdo e a modalidade das diferentes práticas de escrita;

Isso implica compreender a escrita como uma tecnologia de raciocínio e comunicação social capaz de gerar formas de pensar o mundo e construir a realidade, observando que essas potencialidades dependem das condições de sua possibilidade, da distribuição histórica das habilidades de escrever e ler os discursos. (CASTILLO GÓMEZ, 2002, p. 116)

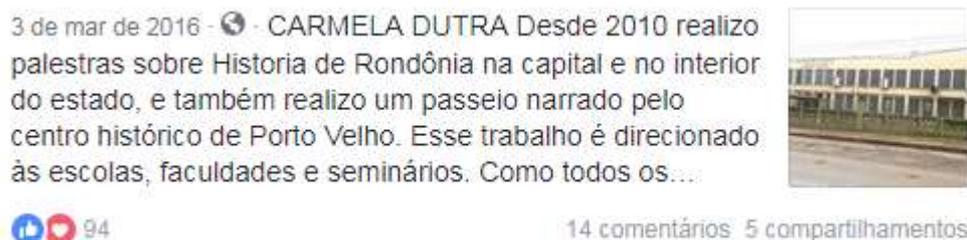
Os *posts* no *Facebook* representam valores culturais e simbólicos, aproximando-se das reflexões de Certeau (1982) sobre os modos de proceder na criatividade cotidiana. O que tem circulado na *web* sobre as escolas do norte brasileiro? Quais são os assuntos mais compartilhados nessa rede social? Examinam-se narrativas que tratam das histórias escolares rondonienses.

Clicks no Facebook: narrativas digitais da Educação portovelhense

Quando nas Páginas das escolas de Porto Velho no *Facebook* alguém se propõe a apresentar o passado escolar é porque tem em mente fixar um sentido na sua trajetória (Simões, 2018), tecer um caminho a partir das seleções pessoais. Os movimentos da História da Educação nessa rede social virtual ganham sentido na medida em que vão sendo apresentados, destacados, com imagens, memórias e postagens, acumulando-se uns com os outros, de modo que a significação para o outro se constrói no momento mesmo em que o sujeito compartilha as suas vivências e experiências escolares no educandário, como se pode verificar abaixo.

Com os olhos voltados para o *post* que está na imagem acima, examina-se a combinação da imagem da entrada do colégio Carmela Dutra em Porto Velho e o *scrap* do usuário, possivelmente de um professor, que tinha o costume de realizar palestras sobre a História de Rondônia na capital e no interior do estado, ratificando o seu compromisso de docente com a Educação, uma vez que relata uma das suas ações educativas com os estudantes no passeio pelo centro histórico da cidade. Nessa perspectiva, pode-se afirmar que a memória daquele educador, por conservar certas informações, contribui para que o passado não seja totalmente esquecido, pois a postagem capacita o usuário a atualizar impressões ou informações passadas, fazendo com que a história se eternize na consciência humana. (LE GOFF, 2003)

Figura 2. Adaptação da Página do Colégio Carmela Dutra de Porto Velho/RO no *Facebook*



Fonte: <<https://www.facebook.com/colegiocarmeladutraPortoVelho>> Acesso em 21/10/ 2018

Quando se traz à baila o Colégio Carmela Dutra de Porto Velho, há de se registrar os estudos de Borzacov (2007), por relatar que a instituição foi criada com o nome de Escola Normal Regional do Território¹⁵ Federal de Guaporé, em 19 de dezembro de 1947, pelo Decreto nº 47, no governo de Frederico Trotta¹⁶; o estabelecimento de ensino foi um presente na área educacional pública do território federal. Afirma a historiadora que o educandário mantinha um internato feminino para as jovens do interior do território e um externato misto para os estudantes de Porto Velho. Conta, ainda, que a Escola Normal Carmela Dutra foi dotada com uma biblioteca confortável e um acervo bibliográfico variado, e que a biblioteca recebeu o nome de Laudímia Trotta, idealizadora e implantadora do curso Normal em Porto Velho.

Por sua vez, Nogueira (2008) assinala que a Escola Normal portovelhense surgiu visando atender a uma lacuna deixada pelo Território Federal do Guaporé, que era a de ofertar um ensino de qualidade aos filhos dos trabalhadores da ferrovia, e para todo sujeito do interior. Apesar do prédio, situado na Avenida Farquar, só ter sido concluído após 1950, sua importância estava em oferecer um ensino gratuito aos jovens que não tinham condições de pagar as mensalidades das escolas Salesianas. A fotografia em branco e preto do Colégio Carmela Dutra a seguir também procura contar um pouco sobre a sua história.

Figura 3. Colégio Carmela Dutra de Porto Velho/RO



Fonte: Acervo do Centro de documentação do Estado de Rondônia

15 Os estudos do historiador Lima (1993) corroboram que o Território Federal do Guaporé foi criado pelo Decreto-lei nº 5.812 de 13 de setembro de 1943, modificado para Território Federal de Rondônia, pela lei nº 21.731 de 17 de fevereiro de 1956, e elevado à categoria de estado de Rondônia no dia 4 de janeiro de 1982.

16 Ver sobre Frederico Trotta: disponível em <<http://frederico-trotta.blogspot.com/2012/02/biografia.html>> Acesso 08/05/2019.

A imagem com o prédio do colégio Carmela Dutra concluído reproduz a imagem de um navio, quem sabe, com o intuito de levar os estudantes à concepção de que ao adentrar no espaço do colégio, o governo do Território Federal do Guaporé os convidaria a navegar pelo campo do conhecimento. (NOGUEIRA, 2008)

Por não existir um tipo exato, obrigatório e específico de documento para atestar os questionamentos históricos, Bloch (2001, p.81) lembra que “é indispensável que o historiador possua ao menos um verniz de todas as principais técnicas de seu ofício”. Desse modo, é importante também poder evidenciar o uso da fotografia como elemento constituinte para a leitura histórica.

Utilizados pelos pesquisadores, os textos literários também se tornam materiais importantes para confrontar as informações obtidas em escrituras e postagens da *web*, uma vez que podem apresentar significados para o entendimento do universo cultural, dos valores sociais e das experiências dos sujeitos de um tempo histórico determinado.

Em prosa ou em versos, as escrituras revelam as representações de um “eu” no mundo; assim, o trecho do conto portovelhense intitulado “A personagem que faltava” de Viriato Moura (2016) pode desvelar a importância do Colégio Carmela Dutra para os moradores da cidade:

[...]Alfredinho, um dos amigos de Valdete desde os tempos de estudante no Colégio Carmela Dutra, tradicional estabelecimento de ensino de Porto Velho, intrigado pelo fato de ouvi-la contar tantos dramas e peripécias de seus familiares, procurou empreender uma sutil investigação para saber até que ponto eram verídicas as histórias relatadas por ela. Em cada investida, era surpreendido pela constatação dessa veracidade. Tudo que Valdete contara até então – ele pôde comprovar – era pura verdade. Os parentes existiam de fato e os fatos aconteceram. Muitos deles estão registrados na imprensa, como é caso das ações heroicas de seu irmão policial. Tudo verdade. [...] (VIRIATO MOURA, 2016, p. 45)

A história contada pelo narrador onisciente enfatiza o hábito dos amigos em poderem se encontrar nas ruas de Porto Velho; pararem para contar casos e histórias, os quais na maioria das vezes são anedotas, piadas, relatos breves, podem remeter ao dia a dia dos sujeitos na cidade. A curiosidade no conto é que a personagem Alfredinho, amigo de Valdete, desde o tempo de estudante do Colégio Carmela Dutra, percebeu que a história contada pela amiga era real, e não ficcional. Este texto, portanto, ajuda a refletir nas entrelinhas culturais rondonienses que as amizades iniciadas na instituição de ensino mantêm-se vivas, mesmo depois que os estudantes saem do educandário, imprimindo ares de veracidade.

No esforço em se poder cotejar fontes, a imprensa também pode ser um suporte que procura revelar ao mesmo tempo o documento, o fato e a história. Como lembra Le Goff (2003), os discursos de documento-monumento deixam de ser vistos apenas como algo que traz preso em si mesmo o passado, mas como aquilo através do qual se interroga como foi o passado. A imagem abaixo, retirada de um jornal que circulava em Porto Velho, mostra uma experiência pedagógica na cidade em 1976, com os professores do Colégio Normal Carmela Dutra.

A imagem, com um trecho do jornal *Alto Madeira* de Porto Velho, anuncia que os professores do Colégio Carmela Dutra foram capacitados com cursos para a melhoria de condições do elemento humano do Território Federal de Rondônia. Os seis cursos oferecidos para os docentes foram reivindicações ouvidas e consolidadas pelo governador daquele momento, Humberto da Silva Guedes, e o Secretário de Educação e Cultura, professor Jerry Badocha. Assim, é possível refletir que o Colégio Carmela Dutra em Porto Velho é um protagonista junto às iniciativas educativas, no sentido de auxiliar docentes, discentes e gestores junto àquela instituição de ensino.

Figura 4. Adaptação da página do jornal *Alto Madeira* de Porto Velho (ed. 12318, de 20/01/1976)

Fonte: Acervo da Biblioteca Nacional. Coleção digital de jornais e revistas

O *Facebook* procura reescrever a história, tornando-a mais real. O instinto narrativo encontra na rede social o palco ideal porque a plataforma não é inspirada pela vida escolar dos usuários, mas a vida escolar dos sujeitos é inspirada no *Facebook*. (SORDI, 2019)

Sensibilidade digital: memórias das escolas de Porto Velho

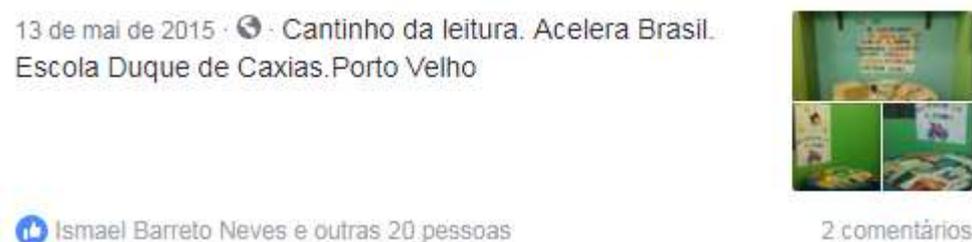
Em busca de acontecimentos nítidos ou simbólicos, que tornam as identidades concretas, uma das principais tarefas memorialísticas (KOTRE, 1997) é manter as identidades vivas, procurando vasculhar o fundo da hierarquia da memória. Será que o acontecimento relatado numa primeira lembrança realmente aconteceu?

As perguntas sobre a precisão histórica das primeiras lembranças são do guardião de arquivos. Mas a menos que você se ache prestes a enfrentar um tribunal de justiça ou precise acomodar alguma briga familiar, as perguntas do guardião têm pouca importância. O que importa, em vez disso, é o significado das nossas lembranças. (KOTRE, 1997, p.193)

As práticas das escritas memorialísticas dos usuários nas Páginas do *Facebook* podem oferecer outras possibilidades ao pesquisador, na medida em que algumas experiências escolares ou ações educativas não são tão familiares aos olhos dos outros sujeitos nessas redes sociais virtuais. Além disso, é possível entender que os dispositivos projetados para a leitura na tela, através da tecnologia da tinta eletrônica, tornam a fadiga ocular mínima e habitual para o leitor cotidiano. (RODRIGUEZ DE LA FLOR; ESCANDELL MONTIEL, 2014)

Nas narrativas dos sujeitos os ex-alunos revisitam espaços, recordam histórias e acontecimentos que podem ser lembrados; a figura abaixo procura mostrar esses momentos naquela instituição de ensino em Porto Velho.

Figura 5. Adaptação da Página da Escola Duque de Caxias de Porto Velho/RO no Facebook



Fonte: <<https://www.facebook.com/escoladuquedecaxiaspvh>> Acesso em 24out 2018

O conjunto das imagens acima mostra a ação pedagógica na instituição de ensino portovelhense, provavelmente ali compartilhada por um docente de Língua Portuguesa. O cantinho da leitura, postado pela usuária M. J. através das imagens, aproxima o passado do cotidiano escolar, possibilitando refletir que as formas de apreender o passado são atualmente mediadas pela *web* de modo fugaz e imediato. (PONS PONS, 2018)

Numa aproximação a outros registros que procuram apresentar a história das escolas de Porto Velho, observa-se um fato curioso na Educação rondoniense: Borzacov (2007) revela que o educandário Duque de Caxias cedeu durante certo tempo o seu espaço físico para o colégio Carmela Dutra porque ainda não havia sido concluída a construção do seu prédio próprio. O site¹⁷ oficial da escola destaca que a instituição de ensino está situada à Avenida Farquar nº 1969, bairro Arigolândia; ainda informa que, inicialmente, as suas instalações foram as do Quartel da Segunda Companhia Rodoviária, comandado pelo coronel Ênio Pinheiro.

Além disso, o sítio virtual do Colégio Duque de Caxias comenta que o educandário foi municipalizado pelo Decreto lei 1.100 de 28/10/1979, a partir de 18/05/1990, através do Decreto de nº 4669, passando a ser mantido pelo governo do Estado de Rondônia, pertencendo à área educacional da Secretaria de Estado da Educação com o nome Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Duque de Caxias.

É possível entender que a sensibilidade digital (SORDI, 2019) esteja ligada aos modos de representação dos sujeitos, uma vez que a imagem, o som e as escritas não estão necessariamente subordinados aos signos alfabéticos, à palavra e à sua retórica; nesse sentido, as narrações e as sequências das ações geram as próprias memórias e histórias dos sujeitos.

Por seu turno, Chartier (2003) destaca que a sensibilidade digital supõe reconhecer outras bases materiais e os seus modos de representação, pois com as transformações tecnológicas há um distanciamento da base material nos modos de representar o passado, exigindo novas sensibilidades por parte do historiador que investiga um objeto, como se pode examinar a seguir.

¹⁷ Disponível em <<https://pvhroduquedecaxias.blogspot.com/2012/09/e.html>> Acesso em 02/05/2019.

Figura 6. Adaptação da Página do Colégio Barão de Solimões de Porto Velho/RO no Facebook

Vista aérea da Escola Barão do Solimões e da Catedral SCJ de Porto Velho.



Fonte: <<https://www.facebook.com/colégiobarãodesolimõespvh>> Acesso em 26out2018

A imagem acima exibe a vista aérea do centro da cidade de Porto Velho, procurando apresentar um aspecto do espaço aéreo urbano portovelhense; ao centro, nas cores azul e branca, a igreja Sagrado Coração de Jesus¹⁸. Situado ao lado esquerdo da Catedral católica, encontra-se o Colégio Barão de Solimões, mais especificamente, na rua José de Alencar, número 351, bairro Caiari, havendo, na proximidade, a Biblioteca¹⁹ Municipal de Porto Velho.

A escrita e a imagem postadas representam a sensibilidade digital do sujeito em compartilhar o patrimônio histórico-cultural representado pelo educandário na cidade, ratificando que é impossível entender a memória se não se percebem as marcas sociais reais que nos servem como ponto de referência para a reconstrução da mesma. (HALBWACHS, 2004)

Sobre as histórias das escolas rondonienses, Nogueira (2008) ressalta que a partir de 1915, há a criação da escola estadual denominada inicialmente de Grupo Escolar Barão do Solimões. O prédio, em seu endereço definitivo na Rua José Bonifácio número 351, foi inaugurado em 1949, com uma edificação totalmente em alvenaria, correspondendo aos traços das grandiosidades dos projetos arquitetônicos traçados para a cidade de Porto Velho.

Outro fato curioso sobre a Educação na cidade é mencionado por Borzacov (2007); no dia 29 de janeiro de 1944, houve a cerimônia de instalação do Território Federal do Guaporé, que foi realizada no espaço físico do Grupo Escolar Barão de Solimões, sendo na mesma cerimônia, nomeados e empossados os diretores²⁰ de divisões, assim como o primeiro governador, Aluísio Pinheiro Ferreira, pelo presidente da república brasileira, Getúlio Vargas.

18 Apesar de sua pedra fundamental ter sido lançada em 3 de maio de 1917, somente em 1927, a Catedral Católica de Porto Velho, situada à rua Dom Pedro II, número 825, bairro Caiari, foi iniciada. Disponível em <<http://arquidiocesedeportovelho.org.br/conteudo/catedral-sagrado-coracao-de-jesus>> Acesso em 02/05/2019.

19 Criada em 1973 e inaugurada em 24 de janeiro de 1975, a Biblioteca Municipal Francisco Meirelles chega em 2015 à marca de quatro décadas de livros, jornais e revistas, disponibilizando conhecimento para os rondonienses que a procuram. Com um acervo de mais de 65 mil exemplares, a instituição tem muito a oferecer para a população. <<https://www.redetviro.com.br/biblioteca-municipal-completa-40-anos-de-historia/?dinamico>> Acesso em 02/05/2019.

20 Conhecidos atualmente por Secretarias do Estado.

Lima (1993) acrescenta que esse grupo escolar foi fruto da preocupação das autoridades com o desenvolvimento do ensino portovelhense, destacando que foi “[...] um atendimento às necessidades do desenvolvimento sócio-econômico dessas longínquas paragens da Amazônia ocidental [...]”. (LIMA, 1993, p.14)

Também reveladora como possível fonte a ser cotejada com a imagem postada é a poesia de Mesquita (1947); ao anunciar a sua passagem pela cidade no texto poético intitulado “Poema da despedida de Porto Velho”, acena nos seus versos um até breve para a cidade banhada pelo rio Madeira, pintando com as cores da emoção as paisagens das torres da Catedral e dos trens da Ferrovia Madeira-Mamoré, que não foram contemplados na moldura do retrato aéreo:

[...] Vejo-te, Porto Velho, na hora da partida.
Recapitulo esse meio ano aqui vivido, e, que passou,
leve e rápido, feito hum sonho.
Do alto, oblíqua, aos rancos do motor,
Te vejo, na magia encantadora desta manhã ensolarada:
As torres da Catedral, que se iluminam, fééricas,
nas tuas noites profundas, o rio, largo e sereno,
Da curva de S. Antônio até o aeroporto;
[...] Os caminhos familiares dos “Tanques” e dos “Milagres”;
A feira alegre e movimentada dos sábados,
Os trens da Madeira-Mamoré,
Com seus silvos alternando com as “chamadas” das missas,
Nos sinos álcres e o apitar dos navios que vem de Manaus e Belém;
O Colégio, [...] o Hospital, [...]
numa visão de presépio,
Os “Inocentes” de que guardo a lembrança do dia dois iluminados[...]
(MESQUITA, 1947, p. 11)

A emoção do adeus poético usa o recurso estilístico para personificar a cidade; como uma homenagem à capital rondoniense, onde morou por um tempo, o “eu” lírico literário imprime um painel colorido, pintando com saudades um mosaico de cenários, curiosidades, conhecimentos, culturas portovelhenses, aproximando-se também da Educação, através do verso em que cita “o colégio lá em cima”. Qual teria sido o educandário destacado pelo poeta? Talvez não haja resposta para esta questão; no entanto, o que se pode perceber é a sua memória enlaçando a História da Educação rondoniense.

A “sociedade da informação”, parafraseando a expressão cunhada por Galvez Biesca (2018), gera novas oportunidades tanto para expandir as fronteiras do historiador, quanto para enriquecer o seu trabalho com inúmeras novas fontes e metodologias. A internet desafia a preponderância do trabalho do arquivamento dos acervos de guarda, não implicando a sua substituição, mas instigando na capacidade de se renovar interpretações e expandir os modos pelos quais os fatos do passado são tradicionalmente estudados.

É importante estar atento à produção historiográfica na presença de uma máquina narrativa e retórica, na qual os dados de entrada, ou em outras palavras, as memórias, os relatos, as postagens, os fragmentos de fatos, fotos, vídeos, *links*, humores, qualquer assunto é um discurso produzido em um trabalho algorítmico que é retroalimentado pelo próprio sistema. Mas o que é isso? É possível refletir que seja um modelo nutrido pelas experiências postadas pelos próprios sujeitos na página dessa rede social virtual.

“Contanto que você diga”: práticas midiáticas na tela

Os sujeitos acessam o *Facebook*, relatam as suas histórias, publicam fotos, compartilham *links*, demonstrando que a rede social não se constrói apenas e simplesmente como um simples alimentador de notícias mais rápidas, mas como um universo narrativo para as ações e comportamentos dos usuários.

As estruturas de narração nessa rede social da *Web* apresentam enunciados que podem ser constituídos como novos gêneros discursivos, pois apresentam os três elementos linguísticos: conteúdo, estilo verbal e construção composicional, marcados pela especificidade de uma esfera da comunicação, num elo entre os usuários, revivendo as histórias contadas pelos sujeitos que interagem neste espaço virtual. A imagem abaixo pode ser um exemplo dessa prática de escrita nas páginas do *Facebook*.

Figura 7. Adaptação da Página do Colégio Dom Bosco de Porto Velho/RO no Facebook

AULA DE CAMPO: MEMORIAL MARECHAL RONDON - SANTO ANTONIO
- EFMM - VILA DA CANDELÁRIA



22

Curtir

Comentar

Compartilhar

Fonte: <<https://www.facebook.com/colégiodomboscovh>> Acesso em 28jan2019

A figura procura registrar uma ação pedagógica do Colégio Dom Bosco no Memorial²¹ Marechal Rondon; na postagem há a descrição do local em que foi realizada a visita da turma, além da exibição de uma foto em branco e preto naquele museu rondoniense, em que se registra um momento escolar, além dos muros escolares. A imagem ajuda a refletir que a narração das histórias, não importa qual seja o suporte que é utilizado, estabelecendo-se e propagando-se em um contexto midiológico. (SORDI, 2019)

Nesse contexto, não importa que seja a radiofusão, a televisão ou a telinha; os usuários na *web* fazem discursos, reescrevem histórias, despertam sensibilidades que tornam real até aquilo que não parece ser real, criando memórias do não vivido ou do seletivamente vivido.

21 O Memorial Rondon é um museu que procura apresentar referências históricas à expedição Rondon e à antiga Vila de Santo Antônio do Rio Madeira. Está localizado na estrada Santo Antônio, número 4863, em Porto Velho. Ver em <<http://www.rondonia.ro.gov.br/conheca-a-historia-regional-no-memorial-rondon-em-porto-velho-de-terca-a-domingo>> Acesso em 02/05/2019.

Um traço distintivo da cultura digital é o que se conhece como narrativa transmídia (JENKINS, 2008) ou em outras palavras, aquela em que o autor transforma-se em um narrador, tendo a seu dispor os vários artifícios e as novas rotinas inseridas nos programas do computador e ao seu *software*, na tentativa de se poderem contar as suas histórias nas páginas das redes sociais. Os estudos de Mittell (2012) ratificam que temos a extensão e a expansão narrativa:

O primeiro, tanto quanto a mídia (*websites*, perfis sociais, mercadorias, materiais extras espalhados em mídias alternativas), dá origem a paratextos do texto principal (um livro, um filme, uma peça teatral); o segundo, em vez disso, gera uma experiência através dos canais multimídias, para a qual tudo é uma história para ser contada em todos os lugares: a história em si, romance ou filme ou série TV, o autor, o ator, o diretor, o produtor, o jogo de futebol, o jogador, o treinador. (MITTELL, 2012, p. 189)

Entendendo que o instinto narrativo encontra na rede social o seu palco para os registros das histórias, Sordi (2019) lembra que esta plataforma não é inspirada pela vida dos sujeitos, mas é a vida dos usuários que inspira a rede social. Se os fragmentos de memória são espalhados para reconstruir uma experiência passada, os variados dados, que a rede social recebe em seu sistema narrativo, constroem as narrações dos usuários, armazenando um mosaico de histórias. É nesse sentido que o algoritmo Zuckerberg entra em cena, tornando-se, portanto, uma alimentação com fluxos contínuos de conteúdos que vêm das histórias dos usuários, dos amigos dos usuários, vídeos, fotos, textos etc.

A narração das histórias dos ex-alunos pode se inscrever no universo da participação social (GENETTE, 1979), através do qual o significado é construído e avaliado pelos eventos postados, permitindo a conservação e distribuição de um conhecimento, que separa os tempos e os espaços em que ocorrem as ações dos participantes/usuários, visando a transmissão das suas memórias do cotidiano escolar.

As narrativas digitais transformam-se na atualidade em dispositivos para o ensino, para a política, para a propaganda, colocando-as em contato direto com os outros discursos; é o que se pode examinar abaixo.

Figura 8. Adaptação da Página do Colégio Carmela Dutra de Porto Velho/RO no *Facebook*



Fonte: <<https://www.facebook.com/colégio Carmeladutrapvh>> Acesso em 29jan2019

A postagem procura destacar a presença da Secretária de Educação do Estado de Rondônia nas dependências do Colégio Carmela Dutra; as imagens e o título na parte superior deixam entrever um momento importante para o educandário. Se por um lado, o *post* imagético relata este acontecimento para a escola, por outro, é possível perceber que essa história escolar pode ser pensada como vestígio político do cotidiano escolar. Os estudos de Fludernik (2009) sugerem que essas narrativas relatam situações, eventos, lugares, objetos e participantes, fazendo parte da vida cotidiana, como “teatros de representações da escrita”. (RODRIGUEZ DE LA FLOR; ESCANDELL MONTIEL, 2014)

“Curtiu os *posts* na página da escola”? Considerações finais

Sem a pretensão de se esgotar a discussão sobre os *posts* escolares encontrados nas Páginas do Colégio Barão de Solimões, Carmela Dutra, Dom Bosco, Duque de Caxias, de Porto Velho no *Facebook*, a pesquisa procurou espiar por uma fresta as Histórias da Educação rondoniense na *web*, quem sabe, não encontradas em nenhum documento oficial. Os documentos, os relatos, as postagens e imagens encontradas nessa rede social mantêm acesas as chamadas de participação ativa dos usuários sobre a vida escolar. Cabe à tela, a capacidade de conceder um brilho à vida recriada no espaço midiático, no qual os sujeitos manejam as linguagens, com vistas à nova produção de sentidos.

Quando o assunto são as imagens, destacam-se os estudos de Chartier (2003), que oferecem subsídios teóricos para ajudar a refletir que as fotografias auxiliam na compreensão da história de fatos. Por não se configurarem em depoimentos ou documentos escritos, ainda assim, permitem revelar aspectos que não foram elucidados nas outras formas de registro, permitindo, nessa acepção, evidenciar o potencial da fotografia como documento de investigação histórica, social e cultural.

Se narrar é uma prática social que procura compartilhar histórias entre dois ou mais sujeitos (JENKINS, 2008), é possível refletir que o amálgama da mídia, tecnologia e interfaces da *web* é decisivo para incentivar as práticas de leitura/escrita com as postagens, *posts*, memórias, relatos, *scraps*, tomadas por narrativas dos usuários nas Páginas do *Facebook*; tais narrativas trazem à baila a cultura participativa nas redes sociais virtuais.

O leitor/usuário é tomado nessa análise historiográfica como partícipe na tessitura dos sentidos nos discursos contidos nas histórias das escolas retratadas, reagindo às interpretações propostas pelos discursos ali impressos, seguindo os traçados propostos, respeitando os relatos do texto, recordando a sua vida, ou quem sabe, manifestando-se em outras postagens.

O usuário interage, compartilhando memórias da Educação portovelhense fora dos limites que eram encerrados apenas em papéis que refletiam autores específicos e individualizados em discursos/narrativas memorialísticas. O sujeito ganha outra característica relevante não encontrada nos acervos habituais da consulta historiográfica: ele interfere no relato acrescentando a sua cooperação interpretativa.

Destaca-se que a intersubjetividade ativa um reflexo de emoções e sensações que são reproduzidas materialmente nos discursos expostos na tela do computador. Ainda que o estudo da/na *web* esteja em contínua transformação, há consenso sobre o termo história digital (EGIDO LEÓN, 2018), sendo possível refletir que nessas interfaces as narrativas com as histórias escolares são rastreadas pelo algoritmo, que indexa, analisa e processa a saída das postagens ininterruptamente (SORDI, 2019), colocando as páginas

no centro de um movimento, em um fenômeno multidimensional na *web*, possibilitando a criação de um caminho de propagação e atividades que são memorialísticas.

Os *posts*/narrativas das páginas escolares das escolas do norte do Brasil oferecem novas representações e podem ser tomados pelo pesquisador como provas da capacidade para revisitar o passado perdido ou esquecido. Esse passado nortista pouco conhecido é exibido com elementos midiáticos de grande força socializadora, apresentando contribuições para investigações sobre as memórias históricas portovelhenses; quem sabe, não estejam registradas em outros documentos ou fontes escolares habituais rondonienses.

Estas postagens representam valores culturais, simbólicos, o que pode nos remeter às reflexões de Certeau (1982) com os modos de proceder na criatividade cotidiana, apresentando as experiências escolares nas redes sociais como representações de práticas, metodologias e ressignificação histórica.

Como num epílogo nesse estudo, parafraseando Clarice Lispector, sugiro um aceno de curtir, usado nas páginas do *Facebook*, porque “Enquanto eu tiver perguntas e não houver resposta, continuarei a escrever” sobre e para a Educação rondoniense.

Referências

- BLOCH, Marc Léopold Benjamin. **Apologia da História, ou o ofício do historiador**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 2001.
- BORZACOV, Yêdda Pinheiro. **Porto Velho: 100 Anos de História (1907-2007)**. Porto Velho: Primor, 2007.
- CANTANHEDE, A. **Achegas para a história de Porto Velho**. Manaus: Artes gráficas da Escola Técnica de Manaus, 1950.
- CASTILLO GÓMEZ, Antonio. **La conquista del alfabeto: escritura y clases populares**. Spain: Ediciones Trea S.L., 2002.
- CERTEAU, Michel de. **A escrita da história**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1982.
- CHARTIER, Roger. **Formas e sentido. Cultura escrita: entre distinção e apropriação**. São Paulo: Mercado de Letras, 2003.
- EGIDO LÉON, Ángeles. Palabras y memorias mediadas: una historia oral digital? In: EIROA San Francisco, Matilde (coord.). **Historia y memoria em red: un nuevo reto para la historiografía**. Madrid: Editorial Síntesis S.A., 2018. pp. 93- 111.
- EIROA SAN FRANCISCO. Matilde. **Historia y memoria em red: un nuevo reto para la historiografía**. Madrid: Editorial Síntesis S.A., 2018.
- FLUDERNIK, Monika. **An introduction to narratology**. London: Routledge, 2009.
- GÁLVEZ BIESCA, Sergio. El historiador y sus entornos: de la celulosa al bit y la Web 2.0. In: EIROA San Francisco, Matilde (coord.). **Historia y memoria em red: un nuevo reto para la historiografía**. Madrid: Editorial Síntesis S.A., 2018. pp. 41- 61.
- GENETTE, G. **Discurso da narrativa**. Lisboa: Arcádia, 1979.
- GOMES, Pascoal de Aguiar. **A educação escolar no Território Federal de Guaporé (1943-1956)**. Dissertação (Mestrado). Universidade Federal de Mato Grosso, Cuiabá, 2007. 152 p.
- HALBWACHS, M. **A memória coletiva**. São Paulo: Centauro, 2004.
- JENKINS, Henry. **Cultura da convergência**. São Paulo: Aleph, 2008.

- KOTRE, John. **Luvas brancas: como criamos a nós mesmos através da memória**. São Paulo: Mandarim, 1997.
- LE GOFF, Jacques. **História e memória**. Campinas: Ed. Unicamp, 2003.
- LIMA, A. M. **Achegas para História da Educação no estado de Rondônia**. Porto Velho: Seduc, 1993.
- MESQUITA, José Barnabé. A personagem que faltava. In: **Os poemas do Guaporé**. Agosto, 1947. Disponível em <<http://jmesquita.brtdata.com.br/bvjmesquita.htm>> Acesso em 02/05/2019.
- MIGNOT, Ana Chrystina Venâncio; BASTOS, Maria Helena Câmara; CUNHA, Maria Teresa Santos, (orgs). **Refúgios do eu: Educação, história e escrita autobiográfica**. Florianópolis: Ed. Mulheres, 2000.
- MITTEL, Jason. **Complexidade narrativa na televisão americana contemporânea**. Revista Matrizes, V. 5, N. 2, 2012.
- NOGUEIRA, Mara Genecy Centeno. **A construção do espaço social em Porto velho na primeira metade do século XX: um olhar através da fotografia**. Dissertação (Mestrado). Universidade Federal de Rondônia, Porto Velho, 2008. 134 p.
- PINTO, Emanuel Pontes. **Rondônia, Evolução Histórica: criação do Território Federal do Guaporé, fator de integração nacional**. Rio de Janeiro: Expressão e Cultura, 1993.
- PONS PONS, Anaclet. La sensibilidad digital y lá posicion del historiador. In: EIROA San Francisco, Matilde (coord.). **Historia y memoria em red: un nuevo reto para la historiografia**. Madrid: Editorial Síntesis S.A., 2018. pp. 21-39.
- RODRÍGUEZ DE LA FLOR, Fernando; ESCANDELL MONTIEL, Daniel. **El gabinete de Fausto: teatros de la escritura y la lectura a um lado y otro de la frontera digital**. CSIC: Madrid, 2014.
- SIBILIA, Paula. **O show do eu: a intimidade como espetáculo**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008.
- SIMÕES, Robson Fonseca. **Memórias digitais: histórias escolares nas comunidades do Orkut**. Curitiba: Appris, 2018.
- SORDI, Paolo. **La macchina dello storytelling: facebook e il potere di narrazione nell'era dei social media**. Italia, ed. Bordeaux, 2019.
- VIRIATO MOURA, José da Silva. A personagem que faltava. In: **Página da Academia de Letras de Rondônia**. Fevereiro, 2016. Disponível em <<http://acler.com.br/artigos/345/2>> Acesso em 02/05/2019.